

DA MORTE DE UM IMPORTANTE HISTORIADOR

O mundo perdeu, neste ano de 2012, um respeitado historiador social e político. Eric Hobsbawn, um dos principais intelectuais contemporâneos, deixa como legado à humanidade um conjunto interessante de obras, onde se destacam entre outras, *A Era das Revoluções*, *A Era do Capital*, *A Era dos Impérios* e *A Era dos Extremos*.

Durante sua existência o historiador foi reconhecido mundialmente por sua luta em busca de transformações que possibilitassem sociedades mais justas e igualitárias.

Em *A Era dos Extremos – O breve século XX – 1914-1991* Hobsbawn divide o século em três eras: a primeira marcada pelas duas grandes guerras; a segunda definida pelo mesmo como os anos dourados (décadas de 1950 e 1960) com a viabilização do capitalismo, grande expansão econômica e tempo de transformações sociais; finaliza a terceira parte do livro analisando décadas de crise (1970 e 1980), período em que no seu entender o mundo perdeu referências e inclinou-se para a instabilidade e crises. O autor não tem dúvidas de que este foi o século mais assassino de que temos registro.

Efetuei a leitura atenta desta obra em busca de referências de Hobsbawn (embora a análise se restrinja até 1991) sobre os riscos decorrentes para o meio ambiente em relação à forma do processo econômico do capitalismo.

Pois bem, lá na última página (pág.562) do livro, o autor reconhece o titânico processo econômico e tecnocientífico do desenvolvimento

do capitalismo nos últimos três séculos, mas supõe que o mesmo não pode continuar *ad infinitum*.

Afirma que as forças geradas pela economia são suficientemente grandes para destruir o meio ambiente que ele define como as fundações materiais da vida humana. Alerta para o fato de que não podemos construir o terceiro milênio nas mesmas bases, e que o mundo corre o sério risco de explosão e implosão.

Eric Hobsbawn escrevia de maneira clara que permite a fácil comunicação com um público leigo, mas amante de História. Como o leitor percebeu a síntese do curto século XX restringe-se ao período compreendido entre 1914 e 1991. Portanto, infelizmente, ficamos sem apreciar a crítica do autor sobre as transformações mundiais ocorridas nas duas últimas décadas.

Jorge Aragão

Associado da Aipan